

## **O sistema midiático, os circuitos múltiplos e a emergência das Zonas Intermediárias de Circulação**

*Demétrio de Azeredo Soster*

*Professor-doutor (Unisc)*

### **RESUMO**

Observa-se reconfigurações que se estabelecem no sistema midiático em decorrência de atravessamentos provocados por circuitos múltiplos no âmbito da relação 1) de seus dispositivos com o sistema, 2) com o meio em que o sistema se insere, e, finalmente, 3) com os demais sistemas com os quais dialoga em suas operações. Formam-se, na intersecção destas interpenetrações, Zonas Intermediárias de Circulação (ZICs), ou seja, “zonas de contato” (FAUSTO NETO, 2010) complexas, indeterminadas, de fluxo informacional contínuo e não previsível (...)” (SOSTER, 2016). A hipótese central da reflexão é que as ZICs complexificam a percepção do sistema midiáticos como um quarto extrato narrativo a partir da instauração de entropia sistêmica. Trata-se de um problema de circulação provocado pela processualidade da midiatização. A reflexão será ilustrada por meio da análise de um acontecimento envolvendo denúncias de abuso sexual realizadas por José Mayer, ator da Rede Globo, a maior holding do setor da comunicação no país, contra Susllem Meneguzzi Tonani, de 28 anos, figurinista da emissora.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Sistemas, Midiatização, Circulação, Zonas Intermediárias de Circulação, Ambiências

#### **1 Ambiências intermediárias**

Este artigo observa, a partir de percurso de pesquisa identificado (SOSTER, 2015, 2016, 2016-a), determinadas processualidades que se estabelecem no sistema midiático em decorrência de atravessamentos e interpenetrações provocados pela ação de circuitos múltiplos no âmbito da relação 1) de seus dispositivos com o sistema, 2) com o meio em que o sistema se insere, e, finalmente, 3) com os demais sistemas com os quais o sistema dialoga em suas operações. Por sistema midiático vamos compreender o conjunto de jornais, rádios, televisões, revistas e sites, no que eles têm de jornalístico-comunicacional, em seus aspectos organizacional e institucional; sobretudo, como dispositivos.

Referimo-nos, especificamente, à criação, a partir de complexos processos de enunciação, no âmbito das operações de natureza sistêmica, do que estamos denominando Zonas Intermediárias de Circulação (ZICs). As ZICs são “zonas de contato” de processualidade complexa, indeterminada, de fluxo informacional contínuo, não previsível (...)” (SOSTER, 2016). Ou, por outras palavras, e aqui no diálogo com Fausto Neto (2010),

ambiências intermediárias em que as gramáticas de produção e reconhecimento são tensionadas quanto às suas intenções de origem tanto em termos de emissão quanto de recepção.

As ZICs são consideradas “intermediárias” porque se visibilizam no diálogo entre sistema, meio e demais sistemas, tensionando estas instâncias identitariamente. Tornam-se visíveis igualmente pelo viés de marcas não homogêneas (VERON, 1980, 2004) distribuídas na superfície dos objetos analisados na forma de operações linguísticas, o que nos coloca, portanto, diante de um problema de circulação, à medida que se estabelecem a partir de novas “(...) formas de organização de circulação de discursos”. (FAUSTO NETO, 2010, p.6).

A interferência da circulação na linguagem é importante para a compreensão da problemática:

(...) a linguagem possibilitaria, por sua especificidade, pelo menos duas operações: a primeira trata-se da exteriorização do dizível em forma, na condição de textos presos a lógicas e gramáticas. E a segunda, que se constitui numa operação que se dá em um âmbito de determinado processo circulatório, quando põe em marcha a atividade significativa da qual emergem as regras através das quais a linguagem se transforma em atividade geradora de discursividade. (FAUSTO NETO, 2013, p. 50).

Com este movimento, que é característico de uma sociedade em processo de midiaticização, os campos sociais; e, neles, os sistemas, encontram cada vez mais dificuldades em dialogar a partir de suas próprias regras e gramáticas, haja vista a presença crescente dos referidos circuitos reconfigurando-os a todo o momento (BRAGA, 2012). É o que ocorre, por exemplo, como veremos adiante, com o campo do jornalismo, que integra o sistema midiático<sup>1</sup>.

Do ponto de vista empírico, observaremos a emergências das ZICs por meio da análise da processualidade de um acontecimento envolvendo, de um lado, José Mayer, ator da Rede Globo, a maior holding do setor da comunicação no país, e Susllem Meneguzzi Tonani, de 28 anos, figurinista da emissora. Em um primeiro momento, decorrência de uma operação de natureza sistêmica, o acontecimento irritou o sistema midiático, sendo

---

<sup>1</sup> A delimitação tem razão de ser: ainda que uma emissora de televisão, a título de exemplo, desenvolva produtos jornalísticos – um telejornal, por exemplo – ela será, antes, uma empresa de perfil comunicacional, haja vista que seu campo de atuação não se restringe ao jornalismo.

absorvido por este, a partir de um dispositivo – blog #Agoraéquesãoelas<sup>2</sup>, do site UOL, ligado ao jornal Folha de S.Paulo, concorrente da Rede Globo.

Em seguida, por meio de operações de natureza correferencial entre os dispositivos do sistema midiático (sites, jornais, televisões etc.), verificou-se a emergência, pelo viés do alinhamento temático, e a partir de complexos processos de enunciação dos dispositivos, de um extrato narrativo de natureza multifacetada e plurivocal, que chamamos, em outro momento (SOSTER, 2016), de quarto narrador.

Ocorre que, decorrência da presença de circuitos informacionais múltiplos, e da consequente presença de agentes “não autorizados” na processualidade sistêmica (cujo acesso se deu, na amostra analisada, via redes sociais, principalmente), as instâncias sistema, dispositivos e meio se viram atravessadas por fluxos informacionais os mais diversos, reconfigurando-se. É na intersecção destes fluxos informacionais com os sentidos que emergiram das gramáticas de produção e reconhecimento que localizamos as ZICs, identificáveis por meio de marcas linguísticas que se manifestaram na superfície do objeto analisado.

## 2 Novos tensionamentos

Ao ser observado na perspectiva que estamos propondo, de tensionamento da noção identitária de sistema por meio da presença de circuitos múltiplos na arquitetura da informação, tensiona-se, quem sabe, igualmente, a compreensão de que os dispositivos do sistema midiático, ao serem afetados pela processualidade da midiatização, midiatizando-se, possibilitam a emergência de um quarto extrato narrativo, ou quarto narrador.

Este quarto narrador, temos defendido, existe em condições específicas de enunciação e personifica a “voz” do sistema em que se insere, emprestando-lhe identidade. Diferentemente dos modelos que lhe antecederam, próprios da sociedade dos meios, o quarto narrador é aqui pensando como um narrador multifacetado e plurivocal, que se personifica na processualidade sistêmica a partir de operações de sentido que tenham origem no diálogo entre os dispositivos, correferencialmente.

---

<sup>2</sup> Disponível em < <http://agoraquesaoelas.blogfolha.uol.com.br/2017/03/31/jose-mayer-me-assediou/>>

Partimos do pressuposto que a midiaticização não apenas reconfigura a lógica de emissão de vozes narrativas proposta seminalmente por Motta (2013), na comunicação, a partir de Genette (1988), na literatura – primeiro narrador (organização/instituição, dispositivo); segundo narrador (jornalista) e terceiro narrador (fonte/personagem) – no âmbito do dispositivo (gráfico 1), como possibilita a emergência de um quarto narrador, este em nível sistêmico.

### Gráfico 1: vozes narrativas no dispositivo



**Fonte:** elaboração do autor

O primeiro, segundo e terceiro narradores são assim caracterizados:

**Primeiro narrador** – O primeiro narrador, que é extradiegético, é, em sua essência, seminalmente plurivocal, à medida que é formado por agentes e processos dos mais diferentes matizes e naturezas (empresários, diretores, editores etc.).

**Segundo narrador** – O jornalista-narrador, que é intradiegético, possui autonomia operacional, mas suas ações estão condicionadas ao primeiro narrador.

**Terceiro narrador** – São as fontes, ou personagens, das matérias. Intradiegéticos, igualmente, porque dentro das histórias, e subordinados principalmente ao segundo narrador.

Observe-se que a visada não considera (SOSTER, 2016):

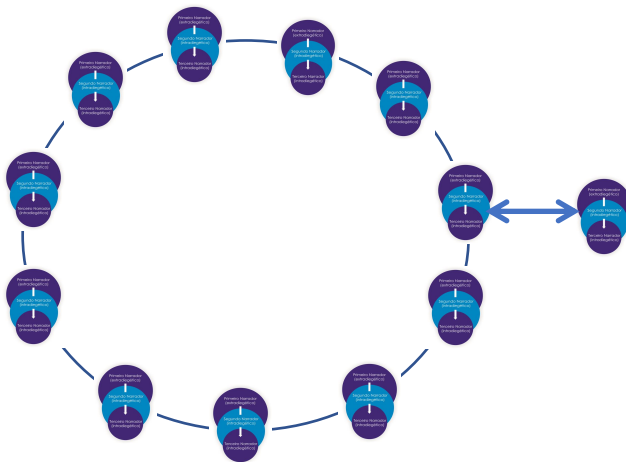
- a) a relação do dispositivo com os demais dispositivos,
- b) do dispositivo com o sistema em que se insere, e, finalmente,
- c) com o ambiente em que o sistema se insere.

Não se trata de dizer que pensar o sistema como um narrador tira do âmbito do dispositivo, e de seus níveis narrativos já identificados – primeiro, segundo e terceiro narradores, principalmente –, a capacidade de enunciação. É de suas operações que partem as enunciações. Mas de perceber, antes, que este conjunto de vozes alinhadas tematicamente dão forma, em seu conjunto, ao

que chamamos de sistema midiático, e nos permitem identificá-lo como tal. Isso ocorre porque, ao fazê-lo, estabelecem diferenças em relação ao sistema em que se inserem e os demais sistemas, fortalecendo, dessa forma, sua própria identidade. E, em o fazendo, acabam por instaurar um novo nível narrativo, polissêmico e plurivocal, que não prescinde de sua instância primeira, o dispositivo, igualmente polissêmico e plurivocal, mas que é usualmente afeito a um lugar situacional – o dispositivo. (SOSTER, 2016, On-line)

Graficamente, e a título de ilustração, teríamos algo neste sentido:

**Gráfico 2:** formação do quarto narrador



**Fonte:** elaboração do autor

Ou seja, o quarto narrador se personifica quando os dispositivos que compõem o sistema midiático realizam processos de enunciação alinhados tematicamente, permitindo, neste movimento, que se identifique a “voz do sistema”, ou seja, sua diferença na relação com o meio e com os demais sistemas. “(...) a voz tem a ver com um processo e com as circunstâncias em que ele se desenrola; o processo é o da enunciação narrativa, quer dizer, o ato da narração de onde decorre o discurso narrativo propriamente dito e a representação diegética que leva a cabo” (LOPES & REIS, 1988, p. 141).

Importante salientar que, não obstante o quarto narrador ainda ser identificável na perspectiva que estamos propondo – ou seja, ainda “enxergamos” um sistema midiático, no que ele tem de jornalístico ou não – a processualidade da midiatização reconfigura suas fronteiras. Não se trata aqui de defender a existência de um território, ou limites operacionais próprios das sociedades dos meios, mas de observar, resguardadas as perspectivas analíticas, que a cada processo de desterritorialização, emerge um novo território

(HAESBAERT, 2004) substancialmente distinto dos níveis anteriores, e assim alternadamente.

Ocorre que este novo “lugar”, em uma perspectiva mediatizada, e interpondo à reflexão o conceito de circulação, está em movimento; transforma-se a cada instante e passa a existir a partir da presença de atores que até bem pouco tempo não tinham acesso ao diálogo entre gramáticas de produção e reconhecimento. Não é, portanto, facilmente delimitado.

Converte-se, por este processo de circulação e seus efeitos, o deslocamento do leitor à cena discursiva, algo que deixa de ser privilégio das rotinas produtivas. Mas tal ato sinaliza também para aspectos de efeitos contraditórios impostos pela própria lógica sócio-técnica discursiva da mediatização crescente: ao instituir a diversidade de formas, possibilitando que o receptor estabeleça outras possibilidades de contatos com novos dispositivos, põem em risco as velhas fidelizações e “contratos de leitura”. Este fenômeno gera a adoção de esforços regulatórios que possam administrar a complexidade do funcionamento da mediatização (FAUSTO NETO, 2010, p. 14)

É dizer, por outras palavras – e eis a hipótese central desta reflexão, que o quarto narrador se complexifica substancialmente quando, à processualidade sistêmica, interpõem-se zonas intermediárias de circulação. Neste caso, a noção de “identidade”, ou “voz”, do sistema passa a ser percebida, quem sabe, antes pela emergência da circulação como dispositivo (FAUSTO NETO, 2010) que pela ideia moderna de fronteira, margem ou limite.

Se isso se dá dessa maneira, é porque as aludidas transformações ocorrem, como dito anteriormente, no âmbito do diálogo entre dispositivos/sistemas e meios; o que nos permite considerá-las, portanto, da ordem das operações sistêmicas, ainda que não mais deflagradas exclusivamente por elas e fragilizando a identidade do mesmo devido aos atravessamentos que sofre em decorrência dos circuitos múltiplos.

O gráfico 3 ilustra, com as limitações inerentes às representações gráficas de objetos complexos, o que estamos afirmando. Nele,

a) as ZICs são representadas pelos círculos em azul gradiente, pontilhados. Observe-se que elas se formam tanto nos 1) atravessamentos e interposições que se verificam nas operações internas dos dispositivos a partir da presença, neles, de circuitos informacio-

nais “não autorizados”, como 2) no sistema como um todo (círculo central). Isso se dá dessa forma porque os sistemas são formados, como dito, pelos dispositivos, e não podem ser pensados sem estes, mas os dispositivos não resumem, em essência, o sistema como um todo (BERTALANFY, 2013), ainda que o sistema não exista sem eles, de tal maneira que pensar em um implica necessariamente levar o outro em consideração, relacionamente.

b) Os jornais, rádios, revistas, editoras, televisões e sites que integram o sistema midiático em seus aspectos organizacional ou institucional, são representados, no esquema gráfico, pelos círculos azuis. Compreendemos eles como dispositivos à medida que instituem interações que considerem, a um tempo, aspectos tecnológicos (as máquinas, por exemplo), relações sociais (as redações; mas, também, as interações que se dão entre estas e os leitores/audioouvintes) e, finalmente, um sistema de representações (os códigos utilizados nos processos de enunciação, à revelia de sua natureza) (FERREIRA, 2006, 2013, 2016). Ou, como salientado em momento anterior (SOSTER, 2017), a circulação midiática opera igualmente como um dispositivo; portanto, nem meio e nem mensagem; sobretudo, como um operador de novas condições de produção e recepção: “Nesse duplo movimento observa-se um deslocamento/reescalonamento, instalando novas lógicas de classificação em contextos interacionais em que está inserido”. (FERREIRA, 2013, p. 147).

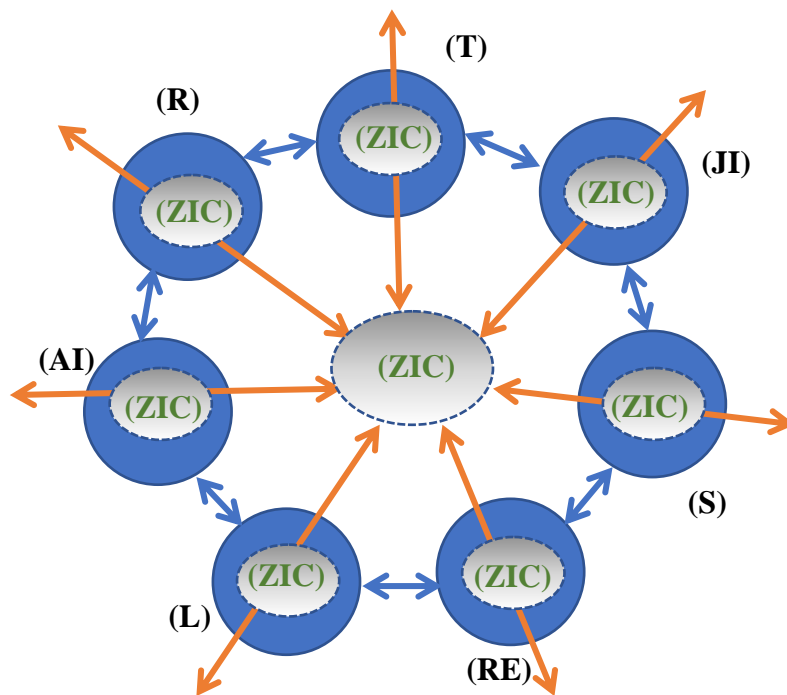
c) Já as setas em vermelho representam os circuitos múltiplos que atravessa tanto dispositivos como sistemas, interferindo, como dissemos em b), no que é da ordem de um como de outro. Ainda que estejam representados por setas, os circuitos múltiplos possuem processualidade antes rizomática que axiomática; em consonância com a arquitetura da rede em que e inserem. Ou seja, não são lineares.

d) As setas em azul, por fim, marcam os diálogos coreferenciais, uma das características do jornalismo midiático (SOSTER, 2009), que se verificam entre os dispositivos quando o sistema como um todo é irritado por um tema e ofertas de sentido de natureza semelhante são realizadas pelos dispositivos que o compõem. É neste momento que se personifica, por meio de lógica enunciativa, a “voz”, ou “identidade” do sistema midiático, que é, sabemos, multifacetada e plurivocal, à medida que sua origem é múltipla, e não uma. (SOSTER, 2016).



Graficamente, então, temos o seguinte cenário, supondo, hipoteticamente, que o sistema midiático seja composto pelos dispositivos rádios (R), televisões (T), jornais impressos (JI), sites (S), revistas (RE), livros (L) e assessoria de imprensa (AI):

**Gráfico 3:** formação das ZICs no sistema midiático



**Fonte:** elaboração do autor

### 3 Assédio sexual irrita sistema

Feita a cartografia do acontecimento, com suas já aludidas limitações, vejamos como isso se dá por meio da análise do evento envolvendo, de um lado, José Mayer, ator da Rede Globo, a maior holding do setor da comunicação no país, com televisões, rádios, jornais, sites etc., e Susllem Meneguzzi Tonani, de 28 anos, figurinista da emissora. Em carta veiculada no blog #Agoraequesaoelas<sup>3</sup>, do site UOL, ligado ao jornal Folha de

<sup>3</sup> Disponível em < <http://agoraquesaoelas.blogfolha.uol.com.br/2017/03/31/jose-mayer-me-assediou/>>



S.Paulo, concorrente da Rede Globo, a funcionária de 28 anos realiza um relato de 16 parágrafos, em tom confessional, intitulado “José Mayer me assediou”.

Um trecho da denúncia:

Em fevereiro de 2017, dentro do camarim da empresa, na presença de outras duas mulheres, esse ator, branco, rico, de 67 anos, que fez fama como ganhão, colocou a mão esquerda na minha genitália. Sim, ele colocou a mão na minha buceta e ainda disse que esse era seu desejo antigo. Elas? Elas, que poderiam estar no meu lugar, não ficaram constrangidas. Chegaram até a rir de sua “piada”. Eu? Eu me vi só, desprotegida, encurralada, ridicularizada, inferiorizada, invisível. Senti desespero, nojo, arrependimento de estar ali. Não havia cumplicidade, sororidade<sup>4</sup>.

Na sexta-feira, dia 31 de março de 2017, a denúncia é retirada do blog #AgoraÉQueSãoElas sob alegação de que feria os princípios editoriais da empresa, haja vista que teria sido veiculada sem o depoimento da parte acusada<sup>5</sup>. Isso viria a ocorrer somente às 17h30 daquele dia, liberando, portanto, dessa forma, a veiculação do conteúdo escrito pela figurinista Suslem Meneguzzi Tonani no blog #AgoraÉQueSãoElas.

Após o momento da liberação da informação no blog #AgoraÉQueSãoElas”, uma frase de duas linhas no texto que antecedia o relato com um link para outra matéria do site do jornal Folha de S. Paulo informava que “(...) devido ao trabalho de apuração e investigação do jornal e o esforço de redação de escuta do outro lado (...)”<sup>6</sup> a mesma estava sendo finalmente liberada à leitura.

**Ilustração 1:** notícia irrita sistema midiático por meio de um blog



<sup>4</sup> Disponível em: <http://agoraquesaodelas.blogfolha.uol.com.br/2017/03/31/jose-mayer-me-assediou/> Acesso em: <10 de abril de 2017>

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/03/1871534-folha-tira-do-ar-texto-que-cita-o-ator-jose-mayer.shtml>> Acesso em: <10 de abril de 2017>

<sup>6</sup> Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/03/1871543-jose-mayer-da-globo-e-acusado-de-assedio-por-figurinista-ator-nega.shtml> > Acesso em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/03/1871543-jose-mayer-da-globo-e-acusado-de-assedio-por-figurinista-ator-nega.shtml>>

**Fonte:** #Agoraéquesãoelas

A partir deste momento, e em decorrência de um complexo processo de correferencialização, o assunto deixa a esfera Globo/Folha de S.Paulo e se espalha entre os demais dispositivos do sistema midiático. Depois de ser veiculada pelo dispositivo blog com o título “José Mayer me assediou” escrito entre aspas, denotando à fala um tom confessional, a notícia irritou gradativamente os demais dispositivos do sistema que, por meio de operações de natureza coreferencial, passaram a repercutir o acontecimento. É o caso da revista Isto É<sup>7</sup>, que o faz em seu site por meio da veiculação de matéria intitulada “José Mayer é acusado de assédio por figurinista”:

**Ilustração 2:** demais dispositivos passam a repercutir o acontecimento



**Fonte:** Revista Isto É

E de texto veiculado no Jornal O Dia<sup>8</sup> por meio de uma coluna especializada em “destaques do mundo dos famosos”.

]

<sup>7</sup> Disponível em : < <http://istoe.com.br/jose-mayer-e-acusado-de-assedio-por-figurinista/>> Acesso em <10 de abril de 2017>

<sup>8</sup> Disponível em: < <http://leodias.odia.ig.com.br/pronto-falei/2017-04-08/pronto-falei-mais-juntos-do-que-nunca-declara-mulher-de-jose-mayer.html>> Acesso em: <10 d abril de 2017>

### Ilustração 3: abordagem a partir de aspectos familiares



Fonte: O Dia

O site ClicRBS, ligado à holding Rede Brasil Sul de Comunicações, segue a repercussão a partir de outras pessoas envolvidas direta ou indiretamente com o autor, neste caso uma atriz que afirma ter passado o mesmo que a figurinista:

### Ilustração 4: novas denúncias



Fonte: ClicRBS

Não nos alonguemos demais nos exemplos. Importa observar, aqui, que estamos diante da processualidade que nos permite identificar um quarto extrato narrativo, ou seja, um quarto narrador de natureza multifacetada e plurivocal, e que este se estabelece, como dito, por meio do alinhamento temático entre os dispositivos que compõe o sistema mi-

diático a partir do momento em que um de seus dispositivos se viu irritado por uma informação que veio do meio em que ele se insere.

O quarto narrador é bem diferente, como dissemos, dos primeiro, segundo e terceiro narradores, na categorização de Genette (1988) e Motta (2013), basicamente porque se personifica no âmbito do sistema, enquanto que os três anteriores da esfera do dispositivo, ainda que um não possa ser pensando sem o outro. É dizer, por outras palavras, que a) uma informação irritou um dispositivo do sistema midiático, foi b) absorvida por este; cujas operações de sentido, por sua vez, c) passaram a irritar os demais dispositivos em um processo de correferenciação, até que formassem uma grande enunciação monotemática, não obstante suas variações.

#### **4 Entropia sistêmica**

Ocorre que, em decorrência de a sociedade estar assentada em uma estrutura de rede, o sistema midiático sofre atravessamentos os mais diversos dos circuitos múltiplos. Em um primeiro momento, por meio da criação de ZICs no âmbito dos dispositivos; depois, no sistema como um todo. No exemplo que estamos analisando, podemos observar, no primeiro caso, que um circuito informacional se interpôs na processualidade das gramáticas de produção do dispositivo blog e causou tensionamentos internos.

O mais evidente deles diz respeito ao fato de, mesmo já tendo sido veiculada, a notícia é retirada de circulação sob o argumento de que “fere as normas internas de veiculação da empresa que dá sustentação ao blog”, sendo disponibilizada novamente somente quando estas exigências internas foram observadas.

Sabemos dessas operações por meio de marcas textuais deixadas na superfície do dispositivo, caso da matéria publicada na editoria de “Cotidiano” do jornal Folha de São Paulo sob o título “Folha tira do ar texto que cita o ator José Mayer” (Ilustração 5), veiculada às 14h22 do dia 31 de março de 2017.

Em quatro frases, e de forma autorreferencial, é afirmado que 1) o texto foi retirado do ar; 2) isso ocorreu porque feria as normas internas da empresa; 3) uma vez sanado o “defeito”, a matéria era disponibilizadas novamente e, finalmente, 4) é dado em repor-

tagem veiculada às 17h30 o espaço para o contraditório, ou seja, para a opinião do autor José Mayer.

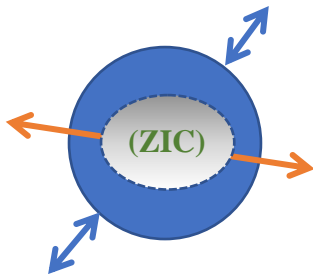
**Ilustração 5:** marcas da presença de ZIC



**Fonte:** Folha de São Paulo

Observe-se, ainda, que não se trata apenas de um movimento segundo o qual o dispositivo, irritado por uma informação vinda do meio em que se insere, ou dos demais sistemas, absorve-a, pelo viés da irritação, e reduz sua complexidade por meio de operações autorreferenciais. É mais do que isso; trata-se, antes, de um atravessamento que tensiona o próprio dispositivo, e que é classificado, textualmente, conforme enunciado no terceiro parágrafo, de “defeito”; ou seja, algo que não estava previsto. Por meio dessa marca identificamos a presença, no âmbito do dispositivo, de uma zona intermediária de circulação, conforme é destacado no gráfico 4.

**Gráfico 4:** a ZIC no âmbito do dispositivo

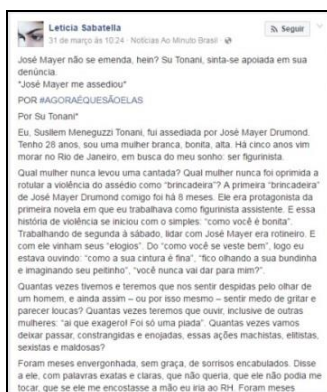


**Fonte:** elaboração do autor

Quando o assunto é observar a formação de ZICs no sistema, as redes sociais (facebook, twitter, blog etc.) exercem papel fundamental nesta processualidade, à medida que é por meio delas que os circuitos informacionais usualmente se estabelecem e atravessam o sistema midiático. Importante lembrar que as redes sociais se tratam, igualmente, de dispositivos, nos moldes daqueles que compõem o sistema midiático, mas não estão institucionalmente incorporados a este, ainda que estes se valham de dispositivos/redes sociais como instagram, facebook, twitter etc. para estabelecer seus diálogos e realizar suas conseqüentes ofertas de sentido.

É o que se constata quando se observa que o assunto “assédio sexual” deixou o âmbito do sistema e passou a ser discutido livremente, sem a mediação institucional dos jornais, revistas, rádios etc. por estes dispositivos. Com isso, o sistema como um todo passou a ser atravessado por novos e sucessivos circuitos informacionais, reconfigurando-se neste movimento e emprestando contornos pouco lineares ao quarto narrador.

### Ilustração 6: outros atores<sup>9</sup>



Fonte: Facebook

<sup>9</sup> É o que demonstra este post: <https://www.facebook.com/leticia.sabatella.1/posts/1265007726939521>.  
Ou este: <https://www.facebook.com/ticosantacruz/posts/1104924556306850>

## Ilustração 7: outras redes sociais<sup>10</sup>



Fonte: Twitter

## Ilustração 6: blogosfera<sup>11</sup>



Fonte: Blog Escreve Lola Escreve

A reação a esta espécie de entropia provocada pela instauração de ZICs no sistema midiático se deu por meio de uma operação de natureza autoreferencial ocorrida no âmbito das gramáticas de produção do dispositivo Rede Globo. Nela, a emissora, pelo viés de notícia veiculada no Jornal Nacional, um de seus principais programas informativos, anunciou a suspensão do ator José Mayer “por tempo indeterminado”<sup>12</sup>. Uma apresentadora leu, no mesmo programa, editorial em que salientou as medidas que tomaria diante das denúncias, solidarizando-se com as manifestações e com a denunciante.

No mesmo contexto, foi lida, pela apresentadora do telejornal, carta de José Mayer em que este admitia, publicamente, no programa em um quadro negro ilustrado com uma

<sup>10</sup> Exemplos: <https://twitter.com/VEJA/status/849292165524180992> e <https://twitter.com/ThaiComenta/status/849323205215100928>

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2017/03/figurinista-denuncia-jose-mayer-por.html>> Acesso em: <10 de abril de 2017>

<sup>12</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/globo-suspende-jose-mayer-atrizes-fazem-protesto-contr-assedio.ghtml> Acesso em: <10 de abril de 2017>



foto sua e o símbolo da emissora, sob o título “Nota de José Mayer”, não apenas sua culpa no episódio como a necessidade de uma retratação em caráter ‘público’: “(...) A atitude correta é pedir desculpas. Mas isso só não basta. É preciso um reconhecimento público, que faço agora<sup>13</sup>.”

O retratado afirmava, textualmente, mais adiante, e ainda pela voz da apresentadora, “que o mundo havia mudado”, ou seja, que agora havia outros valores, outras regras, e que ele achava bom que isso estivesse acontecendo. Necessário salientar que, operacionalmente, não obstante o texto sugerir que o autor do pedido de desculpas fosse mesmo José Mayer, quem o fazia era o primeiro narrador, ou seja, a organização/instituição Globo, pela voz do segundo narrador, neste caso a apresentadora do programa. Coube a Mayer, neste contexto, o papel de personagem de sua própria história.

### Ilustração 7: reação do sistema



Fonte: G1

### Ilustração 8: vozes narrativas no dispositivo



<sup>13</sup> Disponível em <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/globo-suspende-jose-mayer-atrizes-fazem-protesto-contr-assedio.ghtml> Acesso em: <13 de abril de 2017>

### Fonte: G1

As atrizes do *cast* da emissora, por sua vez, vestidas com camisetas temáticas onde estava escrita a frase “Mexeu com uma mexeu com todas #chegadeassédio”, tiveram sua fotografia veiculada<sup>14</sup> não apenas pelos veículos da emissora, mas, também, entre os dispositivos do sistema midiático e nas mesmas redes sociais e demais canais por meio dos quais os circuitos tiveram lugar<sup>15</sup>. Trata-se, uma vez mais, de uma reação sistêmica à interposição dos circuitos múltiplos, cujo objetivo é reforçar laços identitários, evitando, assim, quem sabe, a entropia informativa.

### Ilustração 9: reação



### Fonte: G1

Curioso observar ainda que, não obstante as reações sistêmicas, mesmo aqui os esforços de se evitar a entropia, desfigurando, dessa forma, o quarto narrador, não parecem ser suficientes para evitar a ação dos circuitos múltiplos. É o que se nota quando a mesma camiseta utilizada pelas atrizes passa a ser oferecida em um site especializado em venda de roupas, caso do Dimona<sup>16</sup>

### Ilustração 10: venda no mercado

<sup>14</sup> Disponível em <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/globo-suspende-jose-mayer-atrizes-fazem-protesto-contr-assedio.ghtml> Acesso em: <10 de abril de 2017>

<sup>15</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/atrizes-fazem-protesto-nas-redes-sociais-contr-assedio.ghtml> Acesso em <10 de abril de 2017>

<sup>16</sup> Disponível em: [https://camisadimona.com.br/produto/baby-long-feminina-mexeu-com-uma-mexeu-com-to-das?gclid=CjwKEAjwoLfHBRD\\_jLW93remyAQSJABIygGpVdzb3OnPvFMTCuJQneqBFcFZOEfaQ4Q\\_bIbWPbFcwhoClzHw\\_wcB](https://camisadimona.com.br/produto/baby-long-feminina-mexeu-com-uma-mexeu-com-to-das?gclid=CjwKEAjwoLfHBRD_jLW93remyAQSJABIygGpVdzb3OnPvFMTCuJQneqBFcFZOEfaQ4Q_bIbWPbFcwhoClzHw_wcB) Acesso em: <12 de abril de 2017>



Fonte: Dimona

### Considerações interpretativas

No final de 2016, por meio de discussão proposta durante o I Seminário Internacional de Pesquisa em Mídia e Processos Sociais, intitulada *A circulação como instância reconfiguradora do jornalismo midiático*, afirmamos que compreender a circulação jornalística nos moldes que estamos discutindo aqui implicaria abandonar antigas liturgias e admitir que estamos diante, quem sabe, uma vez mais, da necessidade de novas gramáticas interpretativas, à medida que os cenários de análise que se apresentam são, antes, assimétricos que simétricos.

Referiamo-nos, na reflexão, especificamente, à emergência da circulação antes como geradora de potencialidades (FAUSTO NETO, 2013; FERREIRA, 2013; BRAGA, 2012), que lugar de passagem por meio do qual os dispositivos dialogam; antes como dispositivo que lugar situacional. Isso em decorrência, entre outros, daquilo que Verón (2013) classificou como uma mutação nas condições de acesso a partir da emergência da internet, tanto em relação “(...) aos atores individuais como à discursividade midiática, produzindo transformações inéditas nas condições de circulação<sup>17</sup>”. (2013, p. 281)

Compreender esta perspectiva nos coloca, quem sabe, diante da necessidade de considerarmos que, do ponto de vista da ambiência, estamos diante de “uma nova forma de ser no mundo”, nas palavras de Gomes (2006), ou um quarto bios, na categorização proposta por Sodré<sup>18</sup> (2002). Ou seja, de uma tessitura da sociedade que se estabelece a partir de acentuados matizes sócio-técnicos-discursivos, portanto midiáticos, e que trans-

<sup>17</sup> “(...) de los actores individuales a la discursividad mediática, produciendo transformaciones inéditas en las condiciones de circulación” (2013, p. 281)

<sup>18</sup> O primeiro bios diz respeito à vida contemplativa; o segundo, à vida política; o terceiro, à vida prazerosa (SODRÉ, 2002, p. 25).

formam a maneira por meio da qual nos relacionamos com o mundo. Sobretudo, que se torna cada dia mais complicado pensar esta mesma sociedade sem considerar a tessitura acima descrita, por pelos menos dois motivos.

O primeiro deles diz respeito à percepção que as operações discursivas dos dispositivos que integram o sistema midiático, em determinadas condições, emprestam forma, identitariamente, como dissemos, a um quarto extrato narrativo, de natureza polifônica e multifocal. O sistema midiático se transforma, dessa forma, e em determinadas circunstâncias (SOSTER, 2015, 2016), ele próprio em um narrador<sup>19</sup>, o que lhe empresta, a um tempo, identidade e diferença em relação aos demais sistemas e ao meio em que se insere.

A emergência de zonas intermediárias de circulação, por outro lado, representa a agudização desse processo, à medida que tanto complexifica a noção de extrato narrativo como interpõe, à discussão, novas problemáticas. É o caso, por exemplo, da hipótese segundo a qual as interpenetrações e atravessamentos que os circuitos múltiplos realizam no cruzamento com 1) o sistema, 2) o meio em que ele se insere, e, finalmente, 3) na relação deste com os demais sistemas tanto emprestam novos contornos ao sistema provocam uma espécie de entropia sistêmica.

Os novos contornos estão relacionados, como sugerido, à incorporação das ZICs à integridade sistêmica. É dizer, por outras palavras, que, ao interferirem na forma por meio da qual o sistema estabelece seus diálogos, tornam-se parte do sistema. Já a entropia tem a ver com as transformações que as ZICs provocam na lógica operacional dos sistemas e suas relações; entropia aqui compreendida antes como evidências de rearranjo que desorganização propriamente dita.

Compreendê-las em sua essência é a tarefa que se apresenta daqui para a frente.

---

<sup>19</sup> Narração aqui compreendida, no diálogo com Motta (2013) como estruturação, organização, mecanismo por meio do qual os acontecimentos ganham integridade.

## REFERÊNCIAS

BERTALANFFY, L. *Teoria geral dos sistemas*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: **Mediatização & midiatização**. MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jader; JACKS, Nilda. Salvador – Brasília : Edufba – Compós, 2012.

GOMES, Pedro Gilberto. **Mediatização: um novo modo de ser em sociedade**. São Paulo: Paulinas, 2016.

GOMES, Pedro Gilberto. **Filosofia e ética da comunicação na mediatização da sociedade**. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

FAUSTO NETO, A. Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação?. In: J. L. BRAGA *et al.* (Org.) **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. 1. ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013. v. 1. 43 p.

FAUSTO, Antonio. As bordas da circulação. In: **Mediatización, sociedade y sentido: diálogos entre Brasil e Argentina**. Coloquio del Proyecto “Mediatización, sociedade y sentido: aproximaciones comparativas de modelos brasileños y argentinos. 2010. Universidad Nacional de Rosario, Argentina. Anais... Departamento de Ciencias de la Comunicación. 2010.

FERREIRA, Jairo. Adaptação, disrupção e regulação em dispositivos midiáticos. *Matriizes* (USP. Impresso), v. 10, p. 135-153, 2016.

FERREIRA, J. Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições? In: BRAGA, J. L.; FERREIRA, J.; FAUSTO NETO, A.; GOMES, P. G. (Org.). **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. 1. ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013. v. 1. 182 p.

FERREIRA, Jairo. **Uma abordagem triádica dos dispositivos midiáticos**. *Líbero* (Fascasper), v. 1, p. 1-15, 2006.

GENETTE, Gerárd. **Figuras III**. Barcelona: Lumen, 1988.  
LOPES, Ana Cristina M.; REIS, Carlos. (Org.) **Dicionário de teoria narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

LUHMANN, Niklas. **Introdução à teoria dos sistemas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.  
MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: UnB, 2013.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SOSTER, D. A. **A literatura, o sistema midiático e a emergência do quarto narrador.** Signo (UNISC. Online), v. 1, p. 154-161, 2016.

\_\_\_\_\_. O sistema como quarto narrador do jornalismo. In: A. C. R. P. TEMER; M. SANTOS (Org.). **Fronteiras híbridas do jornalismo.** 1. ed. Curitiba: Appris, 2015, v. 3, p. 161-176.

\_\_\_\_\_. **O quarto narrador, a morte da editora e a mediação das narrativas.** In: 13º Encontro Nacional dos Pesquisadores de Jornalismo, Campo Grande, Mato Grosso do Sul. *Anais...* 2015-a

\_\_\_\_\_. **O jornalismo em novos territórios conceituais: internet, mediação e a reconfiguração dos sentidos midiáticos.** São Leopoldo: Unisinos, 2009. Tese (Doutorado em Comunicação), Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2009.

VERÓN, Eliseo. **La semiose social 2:** ideas, momentos, interpenetrantes. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2013

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido.** São Leopoldo: Unisinos, 2004.

VERÓN, Eliseo. **A produção de sentido.** São Paulo: Cultrix: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.